



## Decreto-Lei N. 312

### DENOMINANDO UMA RUA DE SOUSAS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. I, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

#### DECRETA:

Art. 1.º — Fica denominada Rua do Expedicionário a que vai do cruzamento da estrada de Campinas com a do Cemitério, à praça formada pelo cruzamento das Ruas 15 de Novembro e Isabelita Vieira, no Distrito de Sousas.

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1946.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

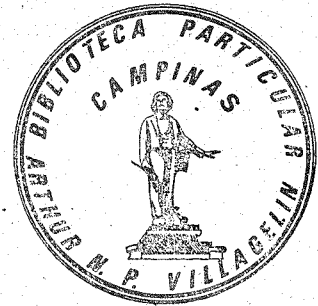
Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,  
ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.148, de 1945, do Conselho Administrativo).

AVENIDA DOS EXPEDICIONÁRIOS



Decreto-lei N. 388, de 20 de junho de 1947

Dando a denominação de "Avenida dos Expedicionários"  
a uma via pública

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que  
lhe confere o art. 12, n. I, do decreto-lei federal n. 1202, de 8 de  
abril de 1939,

DECRETA :

Art. 1.º — Fica denominada Avenida dos Expedicionários a  
via pública que, tendo início na Praça Marechal Floriano Peixoto,  
termina na Praça Dr. Heitor Penteado, desta cidade.

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua  
publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 20 de junho de 1947.

MANOEL ALEXANDRE MARCODES MACHADO  
Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal,  
em 20 de junho de 1947.

O Diretor,  
ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 705, de 1947, do Conselho Admi-  
nistrativo).

# Lembranças dos ex-combatentes

Eles lutaram na Guerra e formaram um grupo de mais de 400 homens incorporados nas várias unidades militares do Estado. Em maior número, se concentravam no 6.º Regimento de Infantaria em Caçapava, hoje Batalhão Ipiranga. De navio, depois de uma dura investida, aportaram em Nápoles, na Itália. O frio era intenso e muitos companheiros se dispersaram pelo interior do País; muitos desapareceram em combate. Os que sobreviveram e fizeram carreira, já não estão mais na ativa, mas a guerra deixou mais marcas nos que agora lutam, não mais nos campos inimigos, mas no dia-a-dia, por uma forma de se manterem. Muitos, ou a maioria, esperam pela aposentadoria que lhes garanta melhores condições de vida.

Para o major Pedro Beraldo, hoje presidente da Associação dos Expedicionários Campineiros, criada em 1945, logo após a guerra, muitas lembranças ainda vêm à mente e a cada ano, no 8 de maio, elas retornam como uma «enxurrada» de fatos e coisas que marcaram o período de combate na Itália.

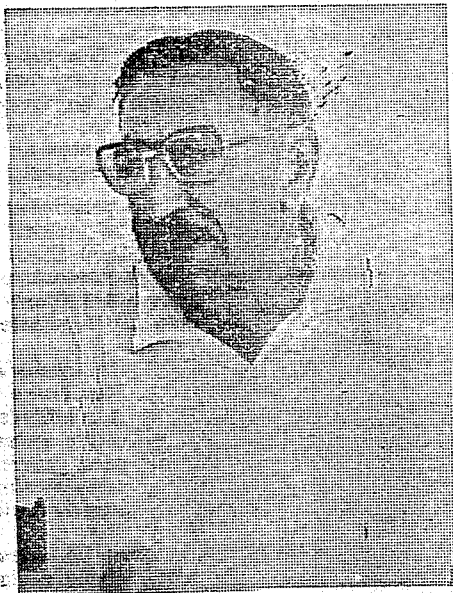
### O QUE SOBROU

Na Associação, que hoje não integra mais que 200 sócios, existem lembranças concretas desse período: uma velha metralhadora alemã, «capturada» durante uma batalha, que na época superava em dobro o modelo usado pelas tropas brasileiras — capaz de acionar 1.100 tiros por minuto, — enquanto que a nossa fazia exatamente a metade desse número — está exposta numa das salas da Associação, ao lado de granadas, balas desativadas, marmitas de campanha, frascos de talco (usado nos pés, após longas caminhadas) e até comprimidos que eram utilizados para combater a terrida malária.

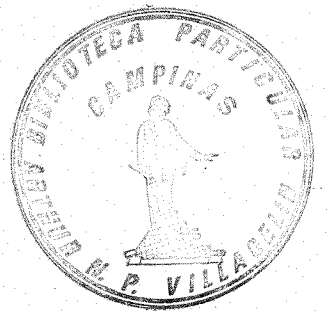
Ao lado dessas «armas», estão uniformes dos soldados brasileiros, e um arsenal para combater o frio das encostas — um casaco inglês no caso, e mais uma centena de fotos das unidades em combate na linha de frente. E o que causa o maior impacto nas pessoas que acompanharam de perto os episódios da guerra, e rever, nas paredes da Associação, fotos dos soldados mortos durante e após a batalha.

Todo o «refetivo» de ex-combatentes integrados à Associação dos Expedicionários Campineiros, se reúne, na medida do possível — a idade avançada de alguns ex-militantes não mais permite encontros desse tipo — anualmente para relembrar o Dia da Vitória, comemorando hoje em praticamente todas as unidades militares. E aliada a fatores como a velhice, está a dificuldade de se levar adiante associações como essa, que não recebem qualquer tipo de subvenção ou verba.

Hoje a Associação dos Expedicionários Campineiros sobrevive através das contribuições de seus integrantes a cada ano, em menor número, mas a motivação maior ainda continua e consegue reunir, em torno de 8 de Maio, as lembranças que sobram dos combates travados em nome da Soberania Nacional.



Pedro Beraldo, presidente da Associação dos Expedicionários: "As lembranças voltam, a cada ano"



CORREIO POPULAR

Sexta-feira, 8 de maio de 1981

## O significado do "Dia da Vitória"

A data de hoje marca o término da II Guerra Mundial e a vitória das Forças Aliadas.

Na data de hoje, os fatos mais importantes de um dos mais trágicos eventos do século são também lembrados. Em setembro de 1939 eclodiu a II Guerra Mundial, envolvendo em pouco tempo quase todos os países do mundo. De um lado estava o Eixo Roma-Tóquio-Berlim, totalitário, pregando e agindo sob os auspícios do terror, da opressão, do ódio aos judeus, da crueldade. De outro lado, as Nações Unidas, democráticas, defensoras dos inalienáveis direitos humanos. O Brasil fazia parte das Nações Unidas.

O Brasil não procurou a luta, nem a provocou. Mas, insultado e agredido, teve de reagir, tendo declarado guerra ao Eixo, e colaborado para a vitória. Brasileiros foram enviados ao campo de luta, na Europa. Além dos efetivos do Exército, Marinha e Força Aérea, o Brasil enviou civis, os denominados pracinhas, que souberam com valor e coragem superar as circunstâncias adversas, e lutando como heróis, conseguiram vitórias de alto significado.

Em números, a FEB — Força Expedicionária Brasileira — enviou 25.334 homens aos campos de luta na Itália. Destes, 465 morreram no campo de honra, 2.722 foram feridos ou acidentados, 35 caíram prisioneiros, sendo depois extraditados, e 14 foram sepultados como desconhecidos.

Os pracinhas brasileiros conseguiram vitórias notáveis como as

de Camaiore, Monte Prano, Barga, no Vale Serchio; Monte Castelo, La Serra, Castelnuovo, no Vale do rio Panaro; Collecchio e Fornovo di Taro, na rica planície do Pó.

Estes nomes, segundo palavras do General Mascarenhas de Moraes "se inscreverão dentre aqueles que recebem culto das gerações patrióticas, porque na Itália como nos campos de batalha sul-americanos, o Exército mostrou-se digno de seu passado e à altura do conceito que os seus chefes e soldados de outrora firmaram com a espada, e selaram com o sangue de seus legítimos e sempre venerados heróis".

### 239 DIAS DE LUTAS

Foram 239 os dias passados pela FEB na Itália. De 16 de junho de 1944 a 2 de maio de 1945, nossas Forças Armadas estiveram em ações contínuas sob as mais ásperas condições de clima e de terreno, lutando contra inimigo aguerrido e experiente, e assim provando o valor, a resistência, e sobretudo, a humanidade de nossos soldados.

Ao término da guerra, eles voltaram sendo recebidos com honrarias. Mas numerosos Pracinhas não puderam empreender a viagem de volta ao Brasil. Ficaram no cemitério de Pistóia, por alguns anos, sempre visitados por autoridades e turistas brasileiros. Afinal, seus despojos foram repatriados em aviões da FAB, sob os auspícios de uma Comissão Militar de Transladação, presidida pelo General Cordeiro de Faria.

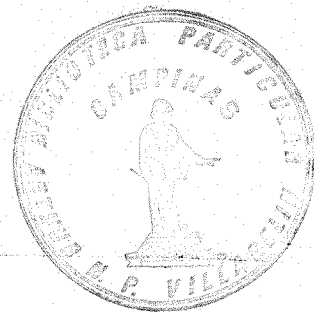
Na manhã de 11 de dezembro de 1960, três aviões da FAB com 436 urnas decolaram de Pistóia com destino ao Brasil. Em 16 de dezembro de 1960 chegaram os despojos dos heróis, hoje sepultados no Rio de Janeiro no Monumento Nacional dos Mortos da II Guerra Mundial, onde podem ser reverenciados.

### PARTICIPAÇÃO DE CAMPINAS

Campinas participou da luta, tendo enviado 300 de seus filhos para os campos de batalha. Quatro não retornaram: Francisco Victoriano, José Serafim, Oscar Rossim e Paulo Tansini, cujos nomes são lembrados em ruas da cidade. Eles foram consignados no Boletim Especial do Exército, "Os Mortos da FEB". Todos foram condecorados, podendo ler-se no decreto que lhes concedeu esta derradeira homenagem "por uma ação de feito excepcional na campanha da Itália".

Hoje, os mortos descansam, e muitos nem mais são lembrados. Os demais Expedicionários formaram associações, onde se reúnem periodicamente, para relembra-los as lutas de outrora. Nem mortos nem vivos merecem o esquecimento. Eles lutaram pela Pátria, enfrentaram semanas e meses de tensão horrível, de cansaço e de dor, em defesa de nossa soberania. Conhecer-lhes a história, escrita em sangue, coragem e suor, é muito mais do que simples obrigação. É um dever sagrado de consciência, de respeito e de gratidão.

(Do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 08-maio-1981)



RUA DO EXPEDICIONÁRIO

Uma homenagem do povo de Sousas aos seus filhos - que contribuíram com seu valor humano na participação da "II GUERRA MUNDIAL", representando o Brasil, na Europa, - junto aos países aliados.

São eles: Sargento MAURO ROSSI FRANÇA, LUIZ BERTAZ ZOLLI, ORLANDO IÓRIO, FERNANDO ANDRADE JÚNIOR, FERNANDO ANDRADE SOBRINHO e Cabo OSCAR ROSSIN, tombado em combate- (com rua própria). Todos faziam parte do 1º Escalão de - Infantaria do 6º R. I. que seguiu em 29 de junho de 1944, para a Itália.

.....

DECRETO-LEI Nº 312 - DENOMINAÇÃO DE UMA RUA  
EM SOUSAS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o artigo 1º do Decreto-Lei nº 1202, de 8 de abril de 1939.

D E C R E T A:

Artigo 1º - Fica denominada rua do Expedicionário - a que vai do cruzamento da estrada de Campinas com a rua do Cemitério, à praça formada pelo cruzamento das ruas 15 de Novembro e Isabelita Vieira, no Distrito de Sousas.

Artigo 2º - Este decreto-lei entrará em vigor na - data de sua publicação, revogadas as disposições em con- - trário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro 1946

Joaquim de Castro Tibiriçá

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1946.

O Diretor  
Admar Maia

Aprovado pela resolução nº 2148, de 1945, do Cons.Admin.-  
ooOoo

(Extraído da "Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas", de autoria de Zuleika Godoi Gomes, edição de 1973)